

A presença do inconsciente em *Um Sopro de Vida*, de Clarice Lispector

The presence of the unconscious in “Um Sopro de Vida”, by Clarice Lispector

Ray da Silva Santos

Graduado em Letras Vernáculas pela UniAGES. Especializando-se em Estudos Linguísticos e Literários pela UCAM.

E-mail: ray.letras@hotmail.com

Camila Ferreira de Carvalho

Graduada em Letras Vernáculas pela UniAGES.

E-mail: camilacarvalhoprofessora@hotmail.com

Resumo: A escrita clariceana ultrapassa os sentidos dúbios da palavra; quando tenta nomear as sensações e os sentimentos, sempre há algo que falta. Em *Um Sopro de Vida*, Clarice Lispector está sempre a questionar sobre a realidade empírica e o que se é possível nomear, por isso ela foi escolhida para auxiliar a explorar, de maneira sucinta, diálogos que há entre a literatura – a arte da palavra possuidora de subjetividade, com caráter estético – e a psicanálise – área do saber que investiga os discursos do sujeito, pois neles o inconsciente está latente. Assim, por intermédio de uma pesquisa de base teórica, realizou-se o fichamento da obra clariceana supracitada e, posteriormente, uma análise qualitativa atrelada à bibliográfica. Com isso, tornou-se possível entender que, na escrita clariceana, há sempre um vazio na palavra.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Literatura. Psicanálise. Escrita.

Abstract: The writing of Clarice Lispector goes beyond the dubious meanings of the word, when it tries to name sensations and feelings, there is always something missing. In *Um Sopro de Vida*, Clarice Lispector is always asking about the empirical reality and what is possible to name, so she was chosen to help explore, in a succinct way, dialogues that exist between literature - the art of the word possessing subjectivity, with an aesthetic character - and psychoanalysis - an area of knowledge that investigates the discourses of the subject, because in them the unconscious is latent. Thus, by means of a theoretical research, the Claricean work mentioned above was recorded, and later a qualitative analysis linked to the bibliographical research was conducted.

Keywords: Clarice Lispector. Literature. Psychoanalysis. Writing.

1 Introdução

A literatura segue regras próprias e mostra aos indivíduos que existe outro mundo dentro de si capaz de transformar sua forma de enxergar o mundo exterior. Segundo Bellemin-Noel (1978), a escrita literária possui construções complexas, uma vez que nasce a partir de uma língua composta por regras gramaticais e estruturais e que, por meio da fantasia, loucura do poeta, mimetiza a realidade. A literatura possui

formas imaginárias, simbolizações, figuras de linguagem, tornando-a um rico material clínico, pois são discursos do (in)consciente.

A narrativa literária, oriunda da fusão da subjetividade do poeta com a realidade empírica, é um olhar diferenciado e minucioso para com a vida e, conseqüentemente, para as sensações e sentimentos do sujeito. Possui estética e, nas entrelinhas, vazios que permitem ao leitor se autoquestionar em busca de preenchê-los.

A psicanálise e a literatura são áreas distintas, mas que, em nível teórico e prático, se confrontam e se conversam. O diálogo entre esses dois saberes surgiu no nascimento da psicanálise. As leituras de textos literários estimularam Freud a pesquisar sobre as ações humanas. Em *A interpretação dos sonhos*, Freud afirma que o texto *Natureza* de Goethe o impulsionou a estudar as Ciências Naturais (PERES, 1996, p. 187).

O inconsciente passa a ser uma verdade oculta, é o que somos e não sabemos que somos. Sendo assim, Freud, inevitavelmente, criou uma ponte segura entre a linguagem e o inconsciente, por meio das verificações clínicas das construções simbólicas do sujeito, como as associações livre – o discurso do analisando – estas que aparentemente são simples, mas no fundo mostram-se complexas.

Conforme Roudinesco (1998), o inconsciente é o lugar do desconhecido. Refere-se a uma instância formada por conteúdos que foram recalçados, esses que, em alguns momentos, escapam para o pré-consciente e consciente. Ademais, Lacan, com sua teoria a respeito do significante, conceituou o inconsciente como o Outro, o lugar marcado pela divisão do sujeito. Em outro momento, doravante o reconhecimento da primazia da linguagem, afirmou, por meio do seu aforismo, que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (ROUDINESCO, 1998, p. 378). O sujeito, portanto, é construído por significantes.

O texto elucidado pela psicanálise é aquele que possui vazios, o não-sentido, onde há espaços para a ilegibilidade, pois a linguagem não consegue abarcar todo o mundo, os significados não cobrem todos os significantes, algo sempre falta ou sobra (MIRANDA, 2013). Assim, a escrita de Clarice Lispector se torna um caminho propício para construir pontes estáveis entre a literatura e a psicanálise, uma vez que suas palavras/significantes, conforme Miranda (2013), possuem vazios em seus intervalos, esses que compõem o indizível.

Outrossim, ao aproximar os conceitos psicanalíticos ao âmbito da linguagem, Lacan demonstrou o quanto as ações humanas denunciam os desejos ocultos. São nos atos falhos, nos sonhos, nos chistes que a essência humana se desvela. Sendo assim, compreende-se o inconsciente como o conceito fundamental da Psicanálise, e nos auxiliará a ter outro olhar para com a obra literária.

2 Literatura e psicanálise: breves considerações

A literatura permite a construção do sujeito, à medida que somos o desejo do Outro, tornamo-nos interpretações, também é a base da relação do homem com o mundo, ao ser linguagem em essência. No texto literário, Rosenfield (1992, p. 187-188) ressalta que, tão quanto nos sonhos, não há nenhum elemento mais importante que o outro, há um nivelamento no discurso. Por meio da regra da atenção flutuante, o leitor,

bem como o analista, não deve privilegiar nenhum tópico ou ideia, pois a psicanálise não se debruça apenas nos conteúdos manifestos, uma vez que nas articulações anódinas e aparentemente supérfluas há verdades escondidas em suas malhas, há um conteúdo latente.

O sujeito é construído por meio das leituras e traduções dos registros das sensações (MIRANDA, 2013, p. 115-116). Ou seja, o homem está inserido numa certa cultura que determina e molda, de certa maneira, as suas ações e sua visão de mundo. A partir das leituras que este realiza acerca do que está à sua volta, vai se construindo enquanto um sujeito pensante. Conforme Rosenfield (1992, p. 189), os fragmentos que compõem a sua história, como as sensações e os sentimentos, metamorfoseiam-se em conteúdos.

Dessa maneira, Rosenfield (1992, p. 190-191) mostra-nos que ler e/ou ouvir um discurso e buscar interpretar é tentar usar uma lupa para observar detalhadamente o signo em busca dos eventos, pertencentes à história do sujeito, que impulsionaram a sua construção. Logo, entende-se que, segundo Brandão (1996, p. 18-19), todo discurso possui como base a linguagem e ela é sempre social, nasce de uma cultura e na escrita-fala do sujeito, mesmo sem ele saber, está todo o seu contexto, o seu passado. Assim, entende-se que o sujeito do inconsciente sempre estará nas palavras.

A leitura psicanalítica, conforme Teixeira (2005, p. 116-117), é traçada e guiada pelo saber do inconsciente que há no contexto histórico do sujeito. A partir do momento que o analisando começa a realizar as suas associações e, conseqüentemente, a falar, brota um texto, ou melhor, uma narrativa que possui em sua essência o inconsciente e que gira em torno de um vazio que surgiu na vida. Ao considerarmos toda a fala do analisando como uma narrativa clínica, detentora de objetividade e subjetividade, podemos perceber o nascimento de diálogos entre a psicanálise e a literatura, já que ambas possuem, de acordo com Brandão (1996, 42-43), uma escrita metafórica e metonímica, que permitem o deslizamento de significados em busca de preencher o vazio que há no sujeito e na folha em branco. Escrever-falar é caminhar e dar círculos em volta do objeto *a*, o Real, o inominável e, a cada passo dado, aproxima-se dos desejos mais obscuros que há na essência do sujeito.

Por isso, Freud sempre admirou os poetas, para ele esses sujeitos têm o poder de falar algo a mais sobre a alma dos homens. Segundo Bellemin-Noel (1978, p. 12), a literatura, com o seu discurso repleto de valor estético, permite tocar o silêncio e interrogar sobre o mundo e, dessa maneira, o autor-sujeito diz sobre o que “não sabe” e o que “não conhece”. As narrativas literárias têm “[...] um discurso desequilibrado sobre a realidade. Nisto está o seu encanto, o seu drama e sua sorte maravilhosa”.

Rumo à descoberta dos segredos dos poetas, Freud (1908/1996) deteve-se a estudar a atividade imaginativa das crianças. A criança, que possui o desejo de ser adulto, ao brincar, cria seu mundo próprio, com suas leis, e consegue separar seu mundo imaginário do mundo real. Paralelamente ao brincar infantil, os escritores criativos brincam com as palavras. Ao investir grande carga de emoção em cada palavra escrita, constrói um mundo de fantasia. À medida que esculpe a linguagem a seu favor, transforma muitas imagens que seriam penosas para a consciência, em imagens substitutivas aceitáveis para seus leitores; sublima-as.

Sabe-se que o sujeito, após a satisfação primordial, sempre está em busca do seu objeto perdido. A partir disso, consoante Freud (1908/1996), pode-se concluir que o sujeito não renuncia a nada, apenas promove trocas. A renúncia, nesse fato, deve ser considerada como uma ponte para a formação de um substituto. O homem, quando cresce, sente vergonha de brincar e, assim, surgem os devaneios, pois o Princípio de realidade torna-se mais consistente. A criança não esconde seu brinquedo, os adultos ocultam seus desejos, uma vez que precisam seguir as regras da sociedade e atuar no mundo concreto. Os desejos que sentem são “proibidos”, por isso decide ocultá-los.

Assim, entende-se que o autor, em contato com o real, desorienta-se e busca novas significações, suas palavras – a escrita literária – dão existência ao Outro, o que permite ao sujeito significar aquilo que lhe falta. A obra de arte surge a partir da coragem do escritor em abrir os olhos e enfrentar estranho que brota, com auxílio da subjetividade. O vislumbrar o estranhamento, companheiro inseparável e inevitável, aposta no inconsciente e o inédito emerge. A literatura extrapola os limites da razão, subvertendo o leitor, o autor e a própria obra, assim, apreende o desejo, a essência, a epifania, o inapreensível e, com isso, surge o material rico e privilegiado para os estudiosos da experiência humana. Segundo Romera, Leite e Costa (2011, p. 5), o sujeito-leitor, por intermédio das leituras e associações, resgata a sua história e atualiza os significantes, pois, no presente, ele já tem outra visão de mundo.

Dessa maneira, entendemos que uma das pontes que une a literatura e a psicanálise são os discursos da obra literária e o da narrativa que surge na clínica analítica. Ambos são construídos por sujeitos e, implicitamente, há as suas histórias nas entrelinhas. Portanto, são falas-escritas carregadas de realidades empírica e subjetiva que giram em busca de nomear uma sensação ou sentimento que lhe aparecem, mas só chegam ao limiar à medida que o significado não recobre perfeitamente o significante.

3 Marcas do inconsciente em “Um Sopro de Vida”

A obra *Um Sopro de Vida – Pulsações* se inicia com um grito. Talvez a procura de se salvar e não morrer. Em primeira pessoa, começa ou continua a ser escrita sobre o mistério da criação literária e o poder da escrita. Escrever salva, à medida que permite esvaziar a alma. Pode-se perceber que a vida está atrelada à escrita. Enquanto as palavras são postas no papel, ainda há vida que pulsa. O não sentido das coisas permite-o a descobrir o mundo. As coisas são coisas porque os outros dizem. Assim, já de início, Clarice provoca o leitor. Desarticula sua prévia interpretação, ao passo que busca o nada: “Existe por acaso um número que não é nada? Que é menos que zero? Que começa no que nunca começou porque sempre era? E era antes de sempre?” (LISPECTOR, 1999, p. 13). Clarice, em sua obra, circula em torno do nada que a completa. Anda em caminho de encontro com o que o sujeito é e não o que acha ser. É movida pelo desejo de viver em plena morte.

Ao ser uma obra póstuma, já que foi publicada somente após sua morte, *Um Sopro de Vida – Pulsações* é composto por fragmentos que foram escritos por Clarice Lispector quando já sabia do seu estado clínico. Clarice estava com câncer. Sua amiga Olga Borelli foi a responsável por reunir os escritos. Lispector sabia que o encontro

com a morte estava próximo, escreveu um testemunho sublime marcado pela angústia, pelo medo e pela leveza de estar diante do fim ou do recomeço.

O enredo gira em torno do Autor, um escritor que, para escrever seu livro, cria Ângela Pralini. Sua criatura representa o oculto existente dentro do Autor, o seu inconsciente. À medida que a pertence, as ações de Ângela, defendidas pela liberdade esmagadora, possibilita a realização dos desejos mais secretos. Sua criação representa a salvação. A história vai sendo construída por meio de diálogos ao ponto de se tornarem apenas um. Um sujeito que não lamenta o que está por vir, apenas grita.

As perguntas sobre o ato da escrita constroem o Autor. Ele é linguagem e fruto da linguagem tão quanto é o sujeito apresentado pela Psicanálise. A palavra, portanto, é reveladora. Percebemos, então, como afirma Dor (1989), que muitos desejos do sujeito são recalcados por não serem moral e eticamente aceitáveis, bem como nunca encontraram o objeto *a*, esse que seria capaz de satisfazê-lo completamente. Dessa forma, por meio da palavra, que é linguagem, criam-se objetos substitutivos que conseguem satisfazer o sujeito parcialmente. Tais objetos são reveladores, mesmo no silêncio dizem sobre o sujeito. Por isso, o Autor tem medo: “Tenho medo de escrever. É tão preguiçoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto [...]” (LISPECTOR, 1999, p. 15), pois “as palavras que digo escondem outras – quais? Talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo” (LISPECTOR, 1999, p. 15).

O narrador sempre pergunta por que escreve, já que sair do silêncio corre o risco de mexer com as palavras, de revelar algo. Ao mesmo tempo, afirma que escrever caminha de encontro com a vida, pois, ao dar um nome à coisa, começa a existir. A linguagem possibilita nomear e fundar as coisas. As palavras têm o sopro de vida.

É nesse movimento, em que o simbólico, pelo imaginário, cumpre sua função de abarcar o real, o sujeito continua sabendo muito bem, embora às vezes queira esquecer-se, de que o mediador da comunicação possível entre homem passa pela linguagem, pelas diversas linguagens (HOMEM, 2001, p. 170).

Conforme Homem (2001), quando o “eu” revela a necessidade de um “você” para ser, “inicia pela vertente da metalinguagem” (HOMEM, 2001, p. 175). Ora, para algo existir – sejam coisas, diálogos etc. – é fundamental a existência do Outro. A Psicanálise põe “[...] o sujeito como na imagem e no discurso do Outro” (HOMEM, 2001, p. 175). O eu, querendo se revelar através do Outro, se esbarra nas fronteiras do que é ou não escrever, do que seja literário ou não.

O Autor busca palavras que, por ora, estão sucateadas por serem tão usadas: “eu queria que me dessem licença para eu escrever ao som harpejado e agreste a sucata da palavra. E prescindir de ser discursivo. Assim: poluição” (LISPECTOR, 1999, p. 14). Ao escrever, o Autor discute o próprio ato de criação e demonstra que as palavras sempre estão a renascer. Nesse ato é que se exprime o indizível, uma vez que entre os signos exaustivamente usados há algo que sobra. Conforme Miranda (2013), a impossibilidade que as palavras possuem em exprimir o indizível é o combustível da escrita, tal campo considerado perigoso e impossível de ser alcançado é sublinhado pelo ato de escrever.

A escrita se torna um divã. O Autor escreve o inesperado, o reflexo de um desejo que o impulsiona a buscar por algo que, por ora, não encontra. A escrita surge, então, como perguntas, ou melhor, como um analista. Ao escrever, as portas do seu (in)consciente se abrem ao ponto de permitir a construção de diálogos desconexos, sem a linearidade do tempo. Escrever é entregar-se, é uma espécie de associação livre. Ele afirma: “escrevo muito simples e muito nu. Por isso fere” (LISPECTOR, 1999, p. 16). Mesmo ferido, suporta essa dor, pois é na obra, na escrita, que o Autor encontra um lugar para existir, para ser. Correr o risco é necessário, faz-se vital.

O medo surge, por mais que sua matéria prima sejam as palavras sucateadas, há algo que escapa e os significados deslizam sob os significantes. A revelação pode surgir mesmo sem querer, pois, “para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue” (LISPECTOR, 1999, p. 15). Analisa-se que o poeta, segundo Rilke (2000), precisa ser instrospectivo, buscar sentir o caráter mais íntimo do ser, deve-se aproximar da natureza, tentar sentir-se estrangeiro em um mundo em que todos não são normais, é necessário entrar em si e examinar as profundidades de onde jorra a sua vida; na fonte desta é que “encontrará a resposta à questão de saber se deve criar. Aceite-a tal como se lhe apresentar à primeira vista sem procurar interpretá-la” (RILKE, 2000, p. 24).

Para se salvar de seus desejos e gritos, uma personagem é necessária criar. Sua criatura surge (bem como os textos para os poetas) como uma maneira de aliviar a vivência na civilização. A sociedade, fruto dos desejos, reprime a essência do homem por meio das leis. O Princípio de realidade, conforme Nasio (1999), tem como fundamento filtrar os conteúdos inconscientes, baseando-se nas regras externas. Dessa forma, Ângela diz: “civilizar minha vida é expulsar-me de mim. Civilizar minha existência a mais profunda seria tentar expulsar a minha natureza e a supernatureza” (LISPECTOR, 1999, p. 67).

Ângela surge, segundo Miranda (2013), como um elemento que tem como objetivo contornar o indizível, mostrar sua existência, transmiti-lo. Durante a escrita, fragmentos do indizível são transportados para o papel, para as entrelinhas, mesmo sendo impossível traduzir o inominável em palavras. Ao analisar *Um Sopro de Vida – Pulsações*, Miranda ressalta que tal obra discorre a respeito da posição que o escritor/Autor tem perante o indizível. O vazio se revela como um caminho para o desabrochar da escrita. Ângela é o fragmento, o resto, a palavra sucateada pela vida, é a criatura posta ao mundo para atingir um objetivo; nasceu da necessidade, como qualquer outro.

Além disso, é o Outro que diz quem somos. Os olhares dos sujeitos são moldados pelo discurso que há na sociedade, há uma espécie de alienação. Dessa forma, o Autor testemunha querer criar algo novo: “[...] queria iniciar uma experiência e não apenas ser vítima de uma experiência não autorizada por mim, apenas acontecida. Daí minha invenção de um personagem. Também quero quebrar, além do enigma do personagem, o enigma das coisas” (LISPECTOR, 1999, p. 19).

Ângela Pralini surgiu por meio de um sonho para ajudá-lo a conviver com o peso da vida. Tal personagem, que de início era apenas uma ideia, um desejo, aos poucos ganhou forma e vida. Até pouco tempo, como diz o Autor, Ângela tinha apenas

uma tarja sobre seu rosto, sua identidade permanecia escondida. Viver é estar suscetível à morte. O tempo passa e com ele os minutos se esgotam. Ela é seu inconsciente: “eu a esculpi com raízes retorcidas. É só por atrevimento que Ângela existe em mim” (LISPECTOR, 1999, p. 28).

Ângela surge, aleatoriamente, expondo vários significantes, como “Biombo”, “O Indescritível”, “O Relógio”, “Borboleta”, exaltando-os e, posteriormente, tecendo suas impressões acerca desses. A personagem permite os significados brotarem, ganharem vida. Para Homem (2011), tais significantes marcam a renúncia do uso da razão no mistério da criação literária. Esses termos, usados livremente, permitem o inconsciente brotar, gritar. Surgem a partir da procura da coisa que Clarice e o Autor insistem em não abandonar. Ângela, por sua vez, quer sua “aura”, a essência. Tais associações de significantes, de acordo com Miranda (2013), têm vazios (o indizível) em suas entrelinhas e, por isso, só atingem o limiar da palavra.

Ângela salva a vida do Autor. O desaparecimento de um define o do outro. São um. Ao passo que Ângela desaparece, o Autor despede-se com tristeza. Viver dói, mas é uma dor que faz pulsar, que permite o coração bater e a esperança nascer. Ele grita: “Eu... eu... não. Não posso acabar” (LISPECTOR, 1999, p. 159). Aquele que por toda a obra buscou o sentido da vida traz com sua dor de despedida a esperança que a escrita carrega consigo: a finitude. Ora, sua obra não possui um ponto final, e sim reticências. Algo aconteceu e está para acontecer.

4 Considerações finais

A escrita aparece para o homem como um caminho que permite o esvaziamento, é tornar uma chaminé. Como visto, segundo Freud, em *Escritores Criativos e Devaneios*, o sujeito, quando adulto, sente vergonha das suas fantasias e, para realizá-las, escreve. Escrever é sublimar, é tornar real e aceitável a dor e a alegria, o claro e o escuro que existe dentro de cada um. Assemelha-se, portanto, à brincadeira de uma criança, pois um novo mundo, possuidor de grande carga subjetiva, é criado paralelo à realidade empírica.

Nas narrativas clínicas e literárias, o sujeito (o analisando, ao ressignificar suas lembranças, o poeta quando sublima seus desejos e o leitor enquanto aquele que é questionado pelas palavras) pode resgatar a sua história e exercer a sua singularidade, tão quanto na associação livre. O artista escreve para o outro e a psicanálise necessita de um Outro que escute. A arte, por sua vez, é a tradução dos sentimentos, é a vida do escritor, como afirma Rilke, Goethe, James e Proust (MENDES; PRÓCHNO, 2006, p. 44-45).

Homem (2001) ressalta que, no decorrer do texto, o narrador se mostra Autor e promove diálogo a respeito da escrita. Para tanto, surge Ângela Pralini, sua criatura. No livro, “uma autora (Clarice Lispector) cria um Autor que cria uma outra autora (Ângela Pralini) que igualmente cria sua obra” (HOMEM, 2001, p. 167). A narrativa é construída por meio de diálogos entre o Autor, que está a desaparecer, e Ângela, uma escritora iniciante. O Autor seria o agente da criação, enquanto Ângela, fruto de um sonho no qual ele brincara com seu reflexo, mas não a via de forma “materializada”, seria esse seu reflexo, o seu eu, para, assim, futuramente, ser suplantado, após seu

desaparecimento, por sua criação: “o Um transmuta-se no Outro para logo depois voltar a ser Um” (HOMEM, 2001, p. 189).

Referências

BELLEMIN-NOEL, Jean. *Psicanálise e literatura*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Literatura e psicanálise*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.

DOR, Joel. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como uma linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREUD, Sigmund (1908). Escritores criativos e devaneios. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. E. S. B.*, Rio de Janeiro: Imago, v. 9, 1996.

HOMEM, Maria Lucia. *No limiar do silêncio e da letra: traços da autoria em Clarice Lispector*. São Paulo, 2011. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

MENDES, Elzilaine Domingues. PRÓCHNO, Caio César Souza Camargo. A ficção e a narrativa na literatura e na psicanálise. *Pulsional revista de psicanálise*, 2006. Disponível em: < www.editoraescuta.com.br/pulsional/185_05.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2017.

MIRANDA, Ana Augusta Wanderley Rodrigues de. *O indizível em Clarice Lispector: uma leitura em interface com a psicanálise*. Vitória: EDUFES, 2013.

NASIO, Juan-David. *O prazer de ler Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

PERES, Ana Maria Clark. Literatura e psicanálise: repensando a interdisciplinaridade. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 4, out. 1996. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1143/1245>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta: a canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke*. 31. ed. São Paulo: Globo, 2000

ROMERA, M. L. C.; LEITE, M. M. B.; COSTA, R. M. Na arte da ciência uma literatura do pensar. Psicanálise e literatura: que analogia é essa?. In: VI Congresso Nacional de Psicanálise da UFC / XV Encontro de psicanálise da UFC (O psicanalista, sua clínica e sua cultura), 2011, Fortaleza. Anais do VI Congresso Nacional de Psicanálise da UFC / XV Encontro de psicanálise da UFC (O psicanalista, sua clínica e sua cultura), 2011.

Disponível em: <www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Trabalhos/57.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2017.

ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. O inconsciente. IN: JOBIM, José Luís (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. *Psyche (Sao Paulo)*, São Paulo, v. 9, n. 16, dez. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 abr. 2017.